

# Michel Maffesoli: por uma política da transfiguração

DERRADEIRO UTILIZADOR DO termo *pós-modernidade* como instrumento de interpretação da cultura contemporânea, o sociólogo Michel Maffesoli, 54, professor na Sorbonne, diretor da revista *Sociétés* e do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ), é ao mesmo tempo um pioneiro e um teórico solitário. Depois de explorar, contra todos os defensores do racionalismo moderno, as vertigens de categorias como tribalismo, dionisíaco, sinceridades sucessivas e nomadismo, o autor de *A Contemplação do mundo* (Artes & Ofícios, 1994) e *A Transfiguração do político - a tribalização do mundo* (Sulina, 1997) vê as suas ferramentas conceituais serem apropriadas por seus adversários. As idéias instalam-se, mas a resistência ao pensador herético continua.

Nesta entrevista, dada em Paris, Maffesoli revisita o seu percurso intelectual, reflete sobre os imaginários deste final de milênio e responde aos seus críticos com franqueza, ironia e desprendimento. O resultado é um balanço radical do pensamento sociológico das últimas décadas e uma investida fulminante contra o positivismo de Sokal e cia. Em outras palavras, uma defesa sem concessões do caráter poético da reflexão e uma análise do papel da mídia e das novas tecnologias de comunicação na construção dos imaginários sociais e intelectuais.

**Revista FAMECOS:** *O senhor reflete, desde muito tempo, sobre temas desconsiderados pela sociologia tradicional: o tribalismo das sociedades contemporâneas, o nomadismo, o dionisíaco, a transfiguração do político. Hoje, muitos desses termos foram incorporados por seus adversários. Os imaginários intelectuais deste final de milênio começam a admitir o fracasso das ciências sociais marxistas, quantitativistas ou positivistas?*

**Michel Maffesoli:** Tive essa intuição, pois creio que se deve falar de intuição

Juremir Machado da Silva

Dr. em Sociologia - Univ. René Descartes, Paris V, Sorbonne

racional, já no fim dos anos 60. Enfrentei a conspiração do silêncio num tempo em que predominavam os dogmas positivistas do marxismo, do estruturalismo, do althusserismo e outros do mesmo gênero. As minhas idéias chocaram, como ainda o fazem hoje, os intelectuais de direita e de esquerda na medida em que contestavam a visão produtivista comum a ambos. Refletia-se com base em categorias que já não correspondiam aos fatos sociais. Só agora, nos anos 90, os sociólogos perceberam realmente o valor de termos como nomadismo, tribalismo, imaginário, dionisíasco, centralidade subterrânea, etc. Aprofundi tudo isso em três livros: *A Sombra de Dionísio*, *O Tempo das tribos* e *A Conquista do presente*. Em termos epistemológicos, considere tudo isso em *O Conhecimento comum*. Pesquisadores mais jovens, com idéias menos cristalizadas, abriram-se para a nova dinâmica do mundo ocidental.

**RF:** *Não apenas os jovens. Alain Touraine, por exemplo, utiliza com freqüência o termo tribalismo. Os velhos também se renderam, mesmo sem estardalhaço?*

**Maffesoli:** Falo dos jovens porque eles me interessam mais. Mas tenho consciência de que muitos intelectuais instalados usam, muitas vezes sem citar as fontes, categorias que recusavam antes. Touraine, com certeza, descobriu as vertentes heterodoxas que a ortodoxia de outrora condenava ao ostracismo. Pierre Bourdieu também se abastece nas obras que finge desprezar. Basta ver a sua abordagem do racionalismo. As transformações do imaginário social contemporâneo foram tantas que a sociologia não poderia ficar imune, encastelada em conceitos vazios e normativos.

**RF:** *Pierre Bourdieu, segundo os seus críticos, tem operado uma regressão teórica sem precedentes, retomando uma perspectiva esquerdista considerada ultrapassada. Trata-se do último suspiro de um moribundo, do espectro que ronda o pensamento ocidental desde Karl Marx?*

**Maffesoli:** O sucesso atual de Bourdieu não está baseado no conhecimento da sua obra. Ao contrário. Ele cristaliza um

desejo de revolta de camadas que ignoram os seus textos. De resto, o pensamento de Bourdieu não prima, como sabem os especialistas, pela profundidade. Em contrapartida, serve de suporte para o fantasma do discurso radical. Encarna, por suas atitudes e discursos, uma expectativa de oposição total. Dá corpo, em função do seu estatuto, à nostalgia de outros. Não é a solução, mas o sintoma de um mal-estar. Cabe-nos indagar por que as pessoas sentem vontade de revoltar-se. Não creio que as respostas estejam nos livros de Bourdieu. Assim, enquanto ele se vê como expressão sofisticada da racionalidade e da objetividade científica, não passa de condutor da emoção de grupos sociais insatisfeitos. Isso tudo tem muito pouco a ver com pensamento.

**RF:** *A reflexão de Bourdieu pode ser resumida, conforme o senhor, numa tirada de espírito: é melhor ser jovem, rico e bonito do que velho, pobre e feio. A terminologia e a embalagem acadêmica escondem a simplificação de uma sociologia ressentida?*

**Maffesoli:** Bourdieu, na minha opinião, traduz o banal com termos empolados. A doença intelectual consiste em reduzir o complexo às grades abstratas de pensamento. Bourdieu inscreve-se na tradição escolástica. Trata de casos de escola conforme um pensamento único. Esquerda e direita continuam a pensar sobre soberania, política e democracia sem perceber que estas categorias já não possuem o mesmo valor. Mais do que a defesa dos excluídos, Bourdieu encarna o ressentimento contra os ricos.

**RF:** *No seu caso, admirado por uns e rejeitado por outros, o senhor tem uma visão de mundo otimista ou generosa, conforme a posição de quem o julga. O Brasil, para desespero dos seus oponentes, parece-lhe um laboratório da pós-modernidade. Por quê?*

**Maffesoli:** Essa idéia me ocorreu, em Porto Alegre, depois de inúmeras visitas ao Brasil. A Europa representa a modernidade. Nela, desenvolveu-se o culto do racionalismo e do *homo faber*. A maneira de estar-junto da população brasileira, apesar das

desigualdades sociais, contradiz o individualismo moderno europeu. A noção de laboratório remete à experimentação, tentativa e erro, transição e renovação. A relação social no Brasil não corresponde rigorosamente ao que foi a divisão de classes na Europa, mesmo que a base econômica hierarquize os indivíduos. Fracassadas as promessas da razão triunfante, precisávamos descobrir outra maneira de encarar o futuro. O Brasil encarna o sensível e o emocional como raras culturas no mundo. Não me restrinjo a pensar na festa, no carnaval e no futebol como expressão disso. Refiro-me a uma atitude cotidiana, a um imaginário em que a emoção serve de resistência à adversidade. É a revolta da orgia: o sensível como forma superior de sobrevivência.

Mantenho a idéia do Brasil como laboratório da pós-modernidade. Cabe, no entanto, aos intelectuais brasileiros compreender a sua cultura. Gilberto Freyre, por exemplo, foi muito longe nesse sentido. Mostrou um Brasil rico, específico e irreduzível ao modelo europeu.

**RF:** *O Brasil não tem mais mistérios para o senhor. Assim, a especificidade brasileira provém de uma qualidade intrínseca à sua cultura ou, como sustentam certos críticos dessa noção, à condição de país do Terceiro Mundo?*

**Maffesoli:** Em termos culturais, nunca acreditei muito na idéia de um Terceiro Mundo, o que implica pensar uma realidade em função de outra. Significa aplicar um modelo para julgar culturas particulares. Disso resulta um jogo entre dependência e contradependência que não permite ver as especificidades. Interessa-me compreender a lógica de cada cultura. O Brasil tem a sua. Intelectuais como Germain Bazin, Roger Bastide e Gilberto Freyre demonstraram isso com dados e análises profundos. Quantos outros países ditos de Terceiro Mundo, da própria América Latina, são diferentes do Brasil? Todos. Mesmo que existam traços comuns, a especificidade, produto da história e da cultura, é inegável. O sociólogo não pode negar o cotidiano em nome de teorias que prometem um futuro radioso. A sua

primeira tarefa consiste em colher e descrever o que existe. O Brasil é específico, entre outras coisas, pela importância do sensível em sua estruturação enquanto cultura original, fruto de cruzamentos simbólicos.

**RF:** *A especificidade brasileira, portanto, não provém da latinidade portuguesa nem da pobreza. Dado que o senhor conhece bem a obra de Gilberto Freyre, essa singularidade seria o resultado da miscigenação racial e cultural?*

**Maffesoli:** Gilberto Freyre, como eu, não tinha uma visão de mundo otimista, mas generosa. Isso significa que privilegiava o vitalismo social às abstrações racionais. A miscigenação é, sem dúvida, o ponto forte e o diferencial da cultura brasileira. Graças a ela, nas condições históricas em que foi produzida, o Brasil desviou-se do modelo europeu. *Casa Grande & Senzala* é ao mesmo tempo o inventário do modo original de colonização do Brasil, tendo a família como suporte e o cruzamento racial como política oficial, e etnografia de um “equilíbrio de antagonismos”. Freyre soube integrar mistura e conflito.

**RF:** *Freyre foi acusado de ajudar a fabricar o mito da democracia racial brasileira. A miscigenação é realmente uma vantagem cultural ou o elemento que permite dissimular a denominação esmagadora dos brancos e ricos?*

**Maffesoli:** Desde o século XIX que a miscigenação é um problema para os intelectuais brasileiros. Em função dela, os deterministas achavam que o Brasil não atingiria a civilização. Freyre rompeu com todos os tipos de determinismo e deu um sinal positivo à miscigenação. A leitura atenta de Freyre mostra que ele nunca negou o papel da economia, do antagonismo de classes, na formação da sociedade brasileira. Enquanto estrangeiro, quando vou ao Brasil, sinto que a integração, apesar das desigualdades evidentes, é muito maior do que em outros lugares e, sobretudo, diferenciada. Não sinto uma rejeição categórica ao negro ou ao mestiço em função da cor da pele. Embora exista separação, há mais integração.

**RF:** *O Brasil não lhe parece um país racista?*

**Maffesoli:** Existem mecanismos de harmonia conflitual. Nesta expressão, que me é cara, há conflito e interação. Freyre operou dessa maneira para entender o “equilíbrio de antagonismos” brasileiro. Tenho lido muito sobre racismo. Na Europa, em certo momento, predominou a idéia de raça pura. No Brasil, hoje, existe uma hegemonia da contaminação. O racismo implica a rejeição visceral do cruzamento. Não me parece que isso corresponda categoricamente à situação brasileira. Vivemos numa época de miscigenação. A arquitetura pós-modernista de Robert Venturi, por exemplo, harmoniza o arcaico e o novo. Não se trata de uma harmonia perfeita, mas conflitual.

**RF:** *O senhor continua a falar de pós-modernidade, apesar das críticas e das polêmicas em torno desse conceito ao longo dos anos 80. A expressão ainda se sustenta como instrumento de compreensão do mundo atual?*

**Maffesoli:** A minha posição é simples e empírica: emprego o termo pós-modernidade provisoriamente, assim como durante muito tempo se viu a modernidade enquanto pós-medievalidade.

Existem elementos emocionais em evidência agora que estavam obscurecidos antes. Vivemos uma espécie de histeria coletiva, identificável em fenômenos de massa como os concertos ou os jogos de futebol no Brasil ou em outros países. Não adianta recusar isso em função do moralismo ou da vontade de dar lições à sociedade. Não julgo. Constato. O emocional tomou o lugar privilegiado do racional na modernidade. O crescimento das seitas está aí para provar o retorno em força do místico. É desonesto e reducionista desconsiderar o cotidiano para afirmar uma utopia racionalista qualquer em decadência. Em lugar da rejeição, vale

mais descobrir o bom uso do arcaico que retorna na pós-modernidade.

**RF:** *Qual seria esse bom uso?*

**Maffesoli:** O sociólogo deve interessar-se pelo que faz vibrar o ventre da sociedade. Antes de criticar, cabe-lhe saber a razão que leva tanta gente a conviver, a mergulhar num estado de efervescência, a comungar, ainda que provisoriamente, junto. A música, o esporte e a religião reúnem multidões. O sentimento, o arcaico em relação à razão triunfante, impõe-se. O bom uso consiste, talvez, no estar-junto proporcionado por tais fenômenos. Precisamos reconhecer fenomenologicamente esses momentos de vibração.

**RF:** *A crítica ao racionalismo levanta a suspeita de um elogio ao irracionalismo. Numa*

*época em que as seitas oscilam entre o fanatismo e o estelionato como evitar esse tipo de redução?*

**Maffesoli:**

Gilbert Durand ensinou-me que entre o racional e o irracional existe o não-racional: o imaginário, o emocional, os sentimentos, o sensível, as fantasias, o sonho, tudo o que constitui a vida psíquica das

peças. O racionalismo tentou expurgar tudo isso. O não-racional nada tem a ver com a canonização do irracionalismo. Sigo, no caso, o utopista Charles Fourier: devemos aceitar que o sensível aflore. Não há humanidade sem imaginário. Não se trata de atacar a razão, mas o racionalismo. Não rejeito a racionalidade. Considero o lugar do sensível no imaginário social, na socialidade. Em acontecimentos como a morte da princesa Diana ou o Monicagate, apesar de todas as implicações jornalísticas, políticas e econômicas, o que mobiliza as pessoas é o passional, não o racional.

**RF:** *A esquerda mais radical costuma*



associar pós-modernidade e neoliberalismo. Em consequência, o senhor é visto, muitas vezes, como reacionário ou, ao menos, enquanto vítima de um certo irenismo social. A pós-modernidade pode ser separada da barbárie denunciada pelos seus oponentes?

**Maffesoli:** A minha sensibilidade não me coloca entre os conservadores. Associar pós-modernidade e neoliberalismo é uma bobagem, pois o fundamento da pós-modernidade não é econômico. Na pós-modernidade, fenômeno que posso descrever enquanto sociólogo, há barbárie e o seu oposto. Não se trata da defesa de um paraíso, mas da apresentação de um mundo real, feito de contradições e de conflitos. Nada tenho de otimista. Sou, ao contrário, trágico, o que não quer dizer dramático. Com certeza, repito, desagrado tanto a direita quanto a esquerda. Faz parte da profissão.

**RF:** O senhor já falava de transfiguração do político e de tribalização do mundo antes da explosão da Internet. A razão sensível permitiu-lhe antecipar a revolução levada ao extremo pelas novas tecnologias da comunicação?

**Maffesoli:** Não direi antecipar, mas, ao menos, intuir. O Estado-nação moderno implica a administração de alto para baixo ou do centro para a periferia. Segundo a idéia de Auguste Comte, para gerir adequadamente devia-se reduzir o múltiplo ao uno. O desenvolvimento tecnológico veio coroar a desmontagem desse sistema hierárquico. O uno perde terreno para a diversidade. As relações tornam-se policêntricas. A comunicação deixa de ser unilateral. O receptor torna-se também emissor. A interatividade substitui as trocas dirigidas. Internet já representa uma ruptura em relação à ordem estabelecida. A representação cede cada vez mais lugar à participação. A política tradicional perde terreno. Internet cria comunidades virtuais.

**RF:** Existe muita polêmica em torno dos efeitos da Internet. Para alguns, como Paul Virilio, eles são perversos. Outros, entre os quais Pierre Lévy, só enxergam qualidades e interação. Como o senhor vê a virada do milênio do ponto de vista da eliminação da exclusão, da justiça

social e do crescimento das comunidades num universo de novos nômades?

**Maffesoli:** Estamos numa época de transição. Cada fenômeno pode gerar o melhor e o pior. Internet suscita polêmica. Mas, antes de tudo, vejo a velha questão dos preconceitos ressurgir. Há quem esteja sempre contra. São os que vêem o copo cheio até metade como um copo vazio até a metade. Não me coloco entre os rabugentos e eternamente decididos a rejeitar mesmo quando não sabem o que rejeitam. É inegável a existência de aspectos perversos: a disseminação de material racista, a pedofilia, o fanatismo... Em contrapartida, os efeitos positivos são enormes, evidentes e entusiasmantes: banco de dados, lugar de encontro, multiplicação de contatos, partilha de idéias, de sentimentos, descobertas, relações, etc. Internet ajuda a reunir pessoas e a gerar movimento e efervescência virtuais.

**RF:** Isso implica mais democracia, mais comunidade e mesmo uma nova esfera do político?

**Maffesoli:** Procuo não usar o termo político, que me parece desgastado. A política faz rir. Os políticos são motivo de zombaria. Comunidade era um termo que incomodava por sua conotação cristã. Hoje, penso que Internet estimula de fato a criar comunidade e que isso é positivo, pois significa participar, debater, opinar, estar presente. A política tradicional não consegue acompanhar isso.

**RF:** De toda maneira, as camadas dominantes continuam a monopolizar o poder político tradicional, e os cidadãos a eleger os seus representantes. Onde está o poder real?

**Maffesoli:** Na França, o número de eleitores que não se inscrevem para votar é cada vez maior. O político desempenhará cada vez mais o papel de chefe de tribo. Representará simbolicamente um grupo. Função necessária, mas sem o poder real que os políticos imaginam ter. Papel assegurado mais pelo carisma do que pela eficácia administrativa. Na França monárquica, o rei era mais um símbolo do que o dono do poder. Enquanto símbolo, serve à coesão. O poder real, entretanto, na atualidade, está

disseminado, em rede, sendo exercido por instituições, empresas, capitais voláteis. Pierre Clastres mostrou que o chefe, entre os índios Guayaquil, exercia uma função simbólica: falava sem que ninguém o ouvisse. Entre nós, o chefe existe, mas também não tenho certeza de que seja escutado. Fidel Castro poderia ser um exemplo. Acredito na diferença entre poder e potência. Esta, subterrânea, cristaliza o jogo social de vontades e de interesses. Determina o poder.

**RF:** *Em outras palavras, a potência é o verdadeiro poder?*

**Maffesoli:** Sim, mas não devemos dar ao poder a acepção mais nobre. Se as sociedades permanecem coesas, apesar das flutuações do poder, é graças à potência que as estruturam organicamente. Péguy dizia que tudo começa em mística e termina em política. Na modernidade, a mística degradou-se em política. Hoje, o que mantém a socialidade é novamente mais a mística do que a política. Ou seja, a potência simbólica que organiza o social a partir de um imaginário cultural. O sociólogo deve poder descrever esse fenômeno.

**RF:** *O papel do sociólogo para o senhor incomoda bastante os seus críticos brasileiros. Na sua concepção, o sociólogo deve mostrar em vez de demonstrar, compreender e não explicar, constatar e descrever em vez de criticar. Vê-se nisso o retorno do positivismo, da objetividade científica e do desengajamento intelectual. Trata-se da indiferença total ou do respeito absoluto pela sociedade?*

**Maffesoli:** Para mim, logicamente, trata-se de respeito pela ação instituinte da sociedade. Descrever é uma postura adequada e pertinente em ciências sociais. Husserl e Heidegger defenderam a atitude fenomenológica que consiste em retornar à "coisa". Para conhecer, é preciso colocar entre parênteses o engajamento. Mais tarde, a crítica poderá ser feita. Mas, em primeiro lugar, devemos despir-nos dos nossos preconceitos para descrever uma situação. Mesmo na lógica dita científica, a descrição etnológica é fundamental. Trata-se de uma posição humilde. Humilde, humano, hú-

mus. É isso que leva a compreender algo. A minha reflexão não fortalece o *status quo*. Ao contrário. Privilegia a potência contra o poder, a socialidade contra a sociabilidade mecânica, o lúdico contra o produtivismo, etc. Não coloco, porém, o político na frente do trabalho de compreensão.

**RF:** *Não há um desejo de neutralidade por trás disso? Alguns dos seus críticos reclamam que o senhor nunca ultrapassa o estágio da descrição, evitando o momento da crítica.*

**Maffesoli:** Não tenho, neste momento, vontade de privilegiar a crítica. Penso que ainda não fizemos as constatações fundamentais sobre esta época. Nisso, não há desejo de neutralidade, pois o subjetivo permeia o trabalho de pesquisa, de escolha e de análise. A descrição nunca é neutra. O chamado pensamento crítico, entretanto, em geral marxista, é policial, totalitário, controlador. Quer pensar pelos outros, no lugar dos outros, para impor conclusões prévias, anteriores à análise. Sou relativista, no sentido dado por Simmel a essa expressão: coloco em relação. A minha posição pode ser relativizada pela de Jean Baudrillard e assim sucessivamente. Não apresento a verdade, mas hipóteses, proposições de entendimento. Logo, não me guio pela neutralidade. Defendo o conflito de idéias. Prefiro o dissenso. Existem entradas de abordagem em ciências sociais. Escolho a descrição. Mesmo na Idade Média, havia debate nas universidades, entre Paris, Bolonha, etc. Depois o tomismo virou escolástica e a diversidade foi substituída pela verdade acadêmica. Já estamos em outra época.

**RF:** *A sua participação num colóquio, no Rio de Janeiro, em homenagem aos 200 anos do nascimento de Augusto Comte, implica uma revalorização do pensamento do positivista que mais influenciou intelectuais brasileiros?*

**Maffesoli:** Para mim, trata-se de um jogo intelectual, sem nenhuma intenção de reabilitação do positivismo. Na medida em que as relações entre Brasil e França continuam fortes, surgiu a idéia de refletir sobre um dos seus instigadores. Em outras palavras, falar sobre o papel de Comte no in-

---

tercâmbio intelectual Brasil-França. É uma oportunidade de pensar sobre a instalação do racionalismo numa cultura do sentimento.

**RF:** *Qual deve ser o papel do intelectual cem anos depois do “eu acuso” fundador de Emile Zola e às vésperas do terceiro milênio?*

**Maffesoli:** O intelectual, sem cair na tentação normativa, deve assumir e reunir todos os elementos que integram as culturas. Ele não deve contentar-se em mostrar de dedo em riste o caminho certo para os extraviados. Precisar escutar o social, mergulhar nos imaginários, penetrar nas contradições, aceitar o “contraditório”, a coincidência dos opostos, a harmonia conflitual. Cabe-lhe abandonar o desejo de ser Deus para melhor compreender o humano. Precisamos de intelectuais que vibrem quando há vibração e identifiquem o que cimenta o social. Enfim, o intelectual deve estar aberto à razão sensível. Basta de intelectuais paranóicos. Chegou o tempo dos pensadores metanóicos.

**RF:** *A paixão dos intelectuais franceses por Nietzsche, considerado por muitos como responsável por uma deriva elitista, acabou?*

**Maffesoli:** Nietzsche nunca predominou na França. O próprio Bourdieu representa o anti-Nietzsche, considerado precursor do nazismo e outros absurdos. Deleuze e Baudrillard estão entre os poucos que de fato seguiram Nietzsche. Ao contrário do que se possa dizer, faltou a França beber mais nessa fonte. Em razão desse repúdio, caímos mais facilmente no racionalismo e nas falácias da modernidade ■

## **Nota**

Esta entrevista foi publicada em parte na Ilustrada da *Folha de São Paulo* de 20/02/1999.